

# A cerâmica vermelha fina do Convento de Sant'Anna (Lisboa), no acervo do Museu Nacional de Arqueologia.

CARLOS ETCHEVARNE\*, OLINDA SARDINHA\*\*

## RESUMO

Os objectos de cerâmica vermelha, de feição barroca, que formam parte do espólio retirado do convento de Sant'Anna de Lisboa, em finais do século XIX, constituem uma colecção ímpar em termos da natureza e grau de preservação das peças. Efectivamente, sob a guarda do Museu Nacional de Arqueologia junto com outros artefactos recebidos pouco após a demolição do convento, esta colecção inédita representa, do ponto de vista arqueológico, uma referência importante para o investigador que enfoca a produção cerâmica do século XVII e vê nela os modelos de peças que normalmente são encontrados em fragmentos nos sítios arqueológicos. Assim sendo, além do detalhamento descritivo, neste estudo apresenta-se uma contextualização mínima dos objectos, seguindo a documentação e a bibliografia disponíveis.

Palavras-chave: cerâmica vermelha – cerâmica barroca – convento de Sant'Anna de Lisboa

---

\* Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Estrada de São Lázaro s/ n.º. Federação. Salvador da Baía. Brasil. E-mail: erchvrn@ataide.com.br

\*\* Museu Nacional de Arqueologia. Praça do Império. 1400-206 – Lisboa.

**ABSTRACT**

*The red-ceramic objects with baroque features, which are part of the remains removed from the Sant'Anna Convent of Lisbon in the late 19th century, form a unique unpublished collection in terms of characteristics and degree of conservation of the pieces. This unedited collection, which is housed in the National Museum of Archaeology together with other artefacts received shortly after the Convent's demolition, represents, from the archaeological viewpoint, an important reference to the researcher who focuses on the 17th century ceramics production, finding out on it the models of pieces which are commonly found in sherds at archaeological sites. Therefore, in this study, besides the detailed description, we present a basic contextualization of the objects according to the available documentation and bibliography.*

*Keywords: Red fine ware – Baroque ceramics – Sant'Anna Convent, Lisbon (Portugal)*

## 1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O ACERVO

As dezassete peças de cerâmica vermelha fina, de tipo barroco, aqui apresentadas, formam parte do espólio do Museu Nacional de Arqueologia, a ele doadas em finais do século XIX. Só pelo facto de ali se encontrarem, desde essa época, elas podem ser consideradas verdadeiros testemunhos de uma forma particular de concepção de colecções museográficas e, por isto, merecedores de uma análise específica. Valha mencionar, neste sentido, que os referidos objectos junto a outros duzentos e um, que com eles ingressaram, encontram-se completos (ou apenas danificados), e possuem um forte apelo estético, permitindo pensar que foram priorizados pela integridade e a beleza, usadas como caracteres selectivos da colecta<sup>1</sup>.

No entanto, o interesse no estudo desta colecção de peças, reside no facto delas poderem constituir-se em referências substanciais quanto à utilização de certos objectos, no quotidiano de um convento lisboeta. Ainda que sem dados pormenorizados sobre a localização exacta da sua procedência, estas peças podem ser incluídas, sem dificuldade em um contexto religioso específico, a terceira ordem regular feminina de São Francisco em um horizonte temporal que cobre quase todo o século XVII, período do auge do barroco em matéria de artes plásticas<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> O primeiro chamado de atenção para a importância do estudo dos objectos cerâmicos do convento Sant'Anna de Lisboa foi dado com a publicação das peças de decoração pedrada (O. Sardinha, 1990-1992).

<sup>2</sup> Mantemos a denominação "barroca" para a cerâmica de paredes finas, engobe vermelho, pequenas dimensões e motivos decorativos plásticos elaborados sobre o corpo, o bordo, colo e asas, usadas fundamentalmente para beber, que têm ocorrência em sítios arqueológicos com contextos do século XVII. Ainda que sua aparição possa chegar a ser constatada com anterioridade, é neste século que alcança sua máxima expressão em termos de valorização, assegurando-se-lhe um lugar destacado nas representações pictóricas do seiscentos peninsular.

Ademais, o facto de se encontrarem inteiras constitui uma situação excepcional, conveniente para a pesquisa arqueológica, que tem neles o modelo completo dos objectos que, no geral, aparecem em fragmentos nas escavações. De facto, nas últimas décadas, especial, mas não unicamente, no estudo de certos edifícios em áreas urbanas, tem aparecido um número expressivo de fragmentos de objectos que remetem para os tipos cerâmicos de expressão barroca, como os aqui analisados. Apontam-se apenas alguns casos, sem querer esgotar todos: a Casa do Infante do Porto (M Real, et. alii, 1995), convento de São Francisco de Lisboa (M. Ramalho e D. Folgado, 1997), convento de Santa Clara de Moura (Miguel Rego e Santiago Macias, 1993), convento de Nossa Senhora da Piedade de Cascais (Guilherme Cardoso e Severino Rodrigues, 2002), Casa do Brasil de Santarém (Deolinda Folgado, , e Ramalho, Maria, 2000), Convento de Cristo de Tomar (Manuela Ferreira, 1994). Alguns contextos não urbanos também proporcionaram materiais cerâmicos barrocos, como o convento de São Francisco de Alferrara, em Palmela (Isabel Fernandes e A. Carvalho, 2003) Castelo de Moura (Santiago Macias, 1994), entre outros.

O âmbito onde estes materiais aparecem não se limita exclusivamente ao território de Portugal, ocorrendo em países que naquele período tinham vínculos com o reino português. Conforme um levantamento realizado pelo arqueólogo Paulo Dordio, a partir de publicações recentes, Espanha teria nessa época vários centros produtores de cerâmica vermelha, do tipo ali chamado «bucarina». A esses centros ou ao comércio com Portugal poderiam pertencer as peças seiscentistas, de paredes finas, semelhantes às portuguesas aqui estudadas, que ocorrem naquele país. Conforme Dordio, é conveniente ressaltar que, independentemente de fronteiras políticas, a área de produção abarca, sobretudo, os territórios do centro-oeste de Espanha e centro-leste de Portugal, facto que vincula ambos países em um território de produção contínuo (P. Dordio, no prelo).

Já nos Países Baixos, na cidade de Amsterdam, por exemplo, este tipo de pequenos recipientes foram encontrados por Ian Baart em pelo menos vinte unidades residenciais, em quantidades que variam de 1 a 16 objectos (I Baart, 1992). Segundo este autor, a ocorrência desta cerâmica estende-se desde o norte do país (Purmerend e Harlem) até à cidade de Antuérpia, hoje na Bélgica, não se restringindo apenas às residências dos imigrantes portugueses de origem sefardi. Este facto demonstra que os pequenos recipientes de origem portuguesa tinham também uma boa recepção entre a burguesia flamenga.

Nos últimos anos, escavações arqueológicas desenvolvidas no centro histórico, na cidade de Salvador de Bahia, Brasil, especificamente na área da antiga igreja da Sé, têm permitido identificar grande quantidade de fragmentos de objectos

de origem portuguesa dos primeiros dois séculos de colonização, entre os tipos seiscentistas, que aqui são tratados. A presença deste tipo de peças cerâmicas na Bahia é um claro indicador do grau de aceitação que elas tinham no mundo de influência portuguesa, ainda que o seu uso fosse circunscrito aos grupos sociais economicamente mais privilegiados (C. Etchevarne, 2003).

## 2. HISTÓRICO DO CONVENTO SANT'ANNA DE LISBOA

As informações históricas sobre o convento de Sant'Anna foram obtidas, fundamentalmente, a partir de um manuscrito de autor anónimo do início do século XVIII (datado provavelmente entre 1704 e 1706) de uma relação de edifícios religiosos inventariados no ano de 1833 por Luiz Gonçaga Pereira e de uma importante fonte secundária, como é a História da Igreja em Portugal, trabalho de Fortunato de Almeida. Outras obras consultadas do século XX, em que se aborda, embora superficialmente o histórico deste convento, parecem estar baseadas nestes três trabalhos ou pelo menos não apresentam informações adicionais.

No caso do Convento de Sant'Anna, talvez muito mais do que em outros da cidade, os diferentes momentos construtivos do espaço conventual estiveram atrelados, decididamente, à própria démarche constitutiva da comunidade religiosa. Efectivamente, passando por diversas etapas de definição canónica até à conformação de um núcleo de conventuadas hegemonicamente terciárias franciscanas, a congregação vai alcançando um grau de consolidação institucional com o aval e, às vezes, apoio económico da coroa e vê aumentar consideravelmente o número de freiras ali residentes. O convento vai crescendo em espaços, como veremos, de forma a se adaptar às novas necessidades impostas pelo crescimento do número de mulheres vocacionadas. Mas, pelos dados conseguidos, pode ser deduzido que o Convento de Sant'Anna não foi um edifício construído de forma planificada, nem com partido arquitectónico definido. Pode ser entendido, em vez, como uma realização que tentou conciliar, em diferentes épocas, interesses, necessidades e possibilidades económicas.

O elemento embrionário do que depois seria o convento teria sido uma casa de recolhimento. Efectivamente, segundo Fortunato de Almeida, o convento teve origem no século XVI com a motivação de uma devota preta chamada Violante da Conceição que, regressando de uma peregrinação a Roma, solicitou ao rei D. João III a fundação de uma casa de recolhimento para mulheres arrependidas, conforme a que tinha visto naquela cidade, sob a direcção dos padres agostinianos (Almeida, 1912, p. 383).

D. João III e especialmente sua esposa D. Catarina parecem ter ficado interessados pela ideia, posto que disponibilizaram algumas casas que tinham sido propriedade de D. Isabel de Mendanha, viúva de Tristão de Sousa, situadas próximas ao Castelo de Lisboa, na freguesia de São Bartolomeu, apoiados nesta empresa por alguns cidadãos nobres da cidade (Almeida, op. cit. p. 384; 1972, p. 346).

À frente deste recolhimento foram colocadas algumas freiras do convento de Celas de Coimbra, a saber: Bernarda da Guerra, como prelada, Joana Soares e Isabel Borges, abrindo-se a casa em 1543. Segundo o manuscrito Anónimo, a entidade que se encarregou da manutenção desta casa foi a Irmandade da Paixão, a cujo cargo ficaram as recolhidas durante um período de 3 anos, momento em que, por força do aparecimento de uma grande fome, devolvem a responsabilidade à coroa. Esta, por sua vez, entrega a congregação ao bispo de Coimbra, o agostiniano D. Frei João Soares, mas a administração directa das recolhidas passa para D. Felipa de Souza, do convento de Celas, unindo-se a esta tarefa como colaboradoras, duas viúvas, não freiras (1972, p. 346).

Parece ter sido uma tarefa difícil administrar e sobretudo controlar as recolhidas, já que a morte do bispo desencadeia um conflito entre elas, que resulta na saída de quase todas. Esta revolta deve ter decidido Felipa de Souza a pedir à Rainha D. Catarina que o recolhimento fosse transformado em convento, ideia que a Rainha endossa, ordenando a fundação de uma instituição de religiosas. O geral de Santo Agostinho e o de São Domingos, convocados pela rainha, não aceitam incorporar o grupo nas suas respectivas ordens, criando-se um impasse superado pela chegada do franciscano Frei Vicente de Zamora, que aceita a administração de um novo convento, enquadrando a comunidade na terceira ordem franciscana regular (1972, p. 346, 347). Estes poucos dados são suficientes para demonstrar que o convento como instituição teve um nascimento pouco notável para a época, diferente do de outros em Lisboa, e que esta situação se reflecte na ausência de um projecto edilício conventual.

A partir do enquadramento do grupo como religiosas regradas é que se passa à construção de um convento no local da Hermida de Sant'Anna, em um terreno doado por D. Alexo de Menezes, aio do rei D. Sebastião, contando com as esmolas da rainha, as doações de alguns devotos e os dotes das freiras que ingressavam. Em 02 de Julho de 1562, mudaram para a clausura do novo convento (1972, op. cit., p. 347).

O autor do documento do século XVIII já assinala que a carência de recursos de que padecia esta instituição devia-se a não ter existido nem "fundador nem padroeiro", isto é, devotos benfeitores que assumissem os custos de construção

e manutenção. Como resultado, as freiras tinham já convento mas não tinham igreja. Por isto, as conventuadas aproveitaram a já existente, que estava sob o padronato da irmandade dos sapateiros, igreja esta dedicada a N.<sup>a</sup> Senhora de Sant'Anna (1972, p. 348). A irmandade concedeu, às freiras, o uso do templo, para o que foi delimitado um coro, tendo sido construída uma separação, que permitia a estas assistirem missa separadas dos demais fiéis. Dois religiosos, dedicados aos cultos das franciscanas, ficariam morando em casas anexas. Desta forma, o convento acaba por assumir o nome do orago da igreja, Sant'Anna, sem ter sido este o nome proposto no seu início. Estes dados reiteram o carácter oportunístico e pouco programático da construção do espaço conventual. Soma-se às questões internas ao convento o facto que, ainda no tempo do Cardeal Infante D. Henrique, o crescimento populacional da cidade impôs a criação de novas freguesias, entre elas a de Nossa Senhora de Sant'Anna, fazendo com que a mesma igreja seja compartilhada por novos fiéis, ainda que houvesse a divisão espacial do coro e existissem dois altares, um para os devotos seculares e outro para as freiras (1972, p. 349).

Os recursos da coroa foram chegando, aos poucos, por via das decisões de cada monarca de forma diferenciada e com finalidades diversas. Por exemplo, depois do impulso inicial de D. João III e D. Catarina, D. Sebastião em 1578 consignou perpetuamente 5\$000 réis para o "physico" do convento. Já o Cardeal D. Henrique consignou 8\$000 e um moio de trigo, para cada um dos 20 lugares de freiras que lhe era reservado no convento, e outros tantos para aqueles que a rainha podia dispor. Por sua vez, Filipe I gastou 1.000 cruzados para ampliar a clausura e ordenou que lhe dessem 13\$000 réis para sustentar o capelão. Filipe II concedeu 25\$000 réis anualmente para a botica do convento. Mais tarde, Dom Pedro II, em 1671, acrescentou a quantia de 150\$000 réis (Almeida, op. cit., p. 384).

Malgrado este orçamento fixo ou eventual, o convento não parece ter gozado de grandes instalações nem dos requintes que outros conventos costumavam ostentar. O autor Anónimo é a este respeito bastante claro quando se refere ao sacrifício das irmãs usando as suas tenças para a fabricação de um "trono de prata" para o Divino Sacramento, para seis castiçais grandes e certos apliques de prata no púlpito. Eram as obras de maior requinte que este templo possuía. As despesas deste altar devem ter pesado sobremaneira na economia da ordem, já que o autor disse que os custos de manutenção da igreja deviam correr por conta dos membros da freguesia, como por exemplo, a pintura do tecto do templo (1972, p. 359).

Em 1674 houve necessidade de ampliação do convento, em função do aumento do número de freiras, que resultou em um "grande aperto e desconforto", iniciando-se a construção de uma ala com dormitórios com

capelas e áreas de serviços, pelo lado leste. No momento da descrição (1704/06), o autor fala que já teria dormitórios com celas e capelas, também pelo lado oeste, o que demonstra que os corpos dos edifícios foram sendo construídos por etapas, muito provavelmente, levando em conta as disponibilidades financeiras (1972, p. 360).

Em 1702, o convento contava com um número muito alto de pessoas, formando uma “grande comunidade”, no dizer do autor Anónimo. São 280 em total, enumeradas como: 133 religiosas de véu preto, 12 noviças, 19 educandas, 13 seculares com breve do papa, 13 criadas e 90 freiras particulares. Este conjunto de mulheres vivia em aperto físico e financeiro, recebendo apenas uma Ordinária do Rei, no valor de 370.000 réis. Ademais contava com o dote que aportavam as freiras ao entrar ao convento (1972, p. 361). Fica assim evidente que este não era uma instituição religiosa que gozava de grande prestígio entre as elites e, por consequência, suas freiras, certamente, não teriam origem na classe social dos mais abastados.

Porém, com o surgimento de problemas entre as religiosas e a irmandade, esta acabou deixando a igreja. Em 1705, a irmandade preferiu transferir a sede para um templo novo, bastante próximo, que possivelmente teria como núcleo inicial uma ermida ou uma capela. Segundo o autor Anónimo, (as freiras) “vieram a ficar totalmente senhoras da sua igreja pera a poderem melhor compor e ornar, o que com o tempo iram fazendo”, disse confiante (1972, p. 359).

Se isto aconteceu no decorrer do século XVIII não foi possível averiguar por falta de documentação que assim o prove. Mas, é possível imaginar que sem o auxílio da irmandade e com a escassez de recursos das religiosas, a situação pode ter-se agravado antes que melhorado<sup>3</sup>. De qualquer forma, em 1833, quando fora feito o levantamento dos monumentos religiosos de Lisboa, o panorama do convento Sant’Anna era bastante desolador, se confiarmos nas colocações de Luiz Gonzaga Pereira: “nada se observa nesta igreja: toda ella he ornada de pinturas ordinarias, muito aremedio. Presumimos que antes do fatal terremoto do 1 de novembro de 1755 era esta Igreja enriquecida de mais nobreza”. E depois Pereira remata: “Esta igreja percizava huma perfeitissima reedificação, mais tao completa como a pouco se fez na Igreja de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa”. Sobre o convento, o juízo deste autor não é menos favorável “... Acha se muito percizo de grande concerto todo este convento, tanto por dentro, como na parte do

<sup>3</sup> Luiz Gonzaga Pereira, ainda menciona para 1833, a existência de uma “Confraria”, mas fica claro que esta somente ajudava nas festividades religiosas. Poderia ser esta a irmandade a quem se entrega parte do edifício em 1885 e que, mais tarde, reivindica direitos de indemnização.

prospecto que descobre a cerca de Santo Antão do Collegio, e bem merecedoras herao as suas religiosas que o Governo lhe fizesse esta graça” (Pereira, 1927, p. 306). Ressalte-se que na época (1833), malgrado sua decadência, o convento ainda podia receber freiras de outros lugares, como as religiosas de Santa Apolónia, que aqui foram acolhidas (Pereira, 1927, p. 304).

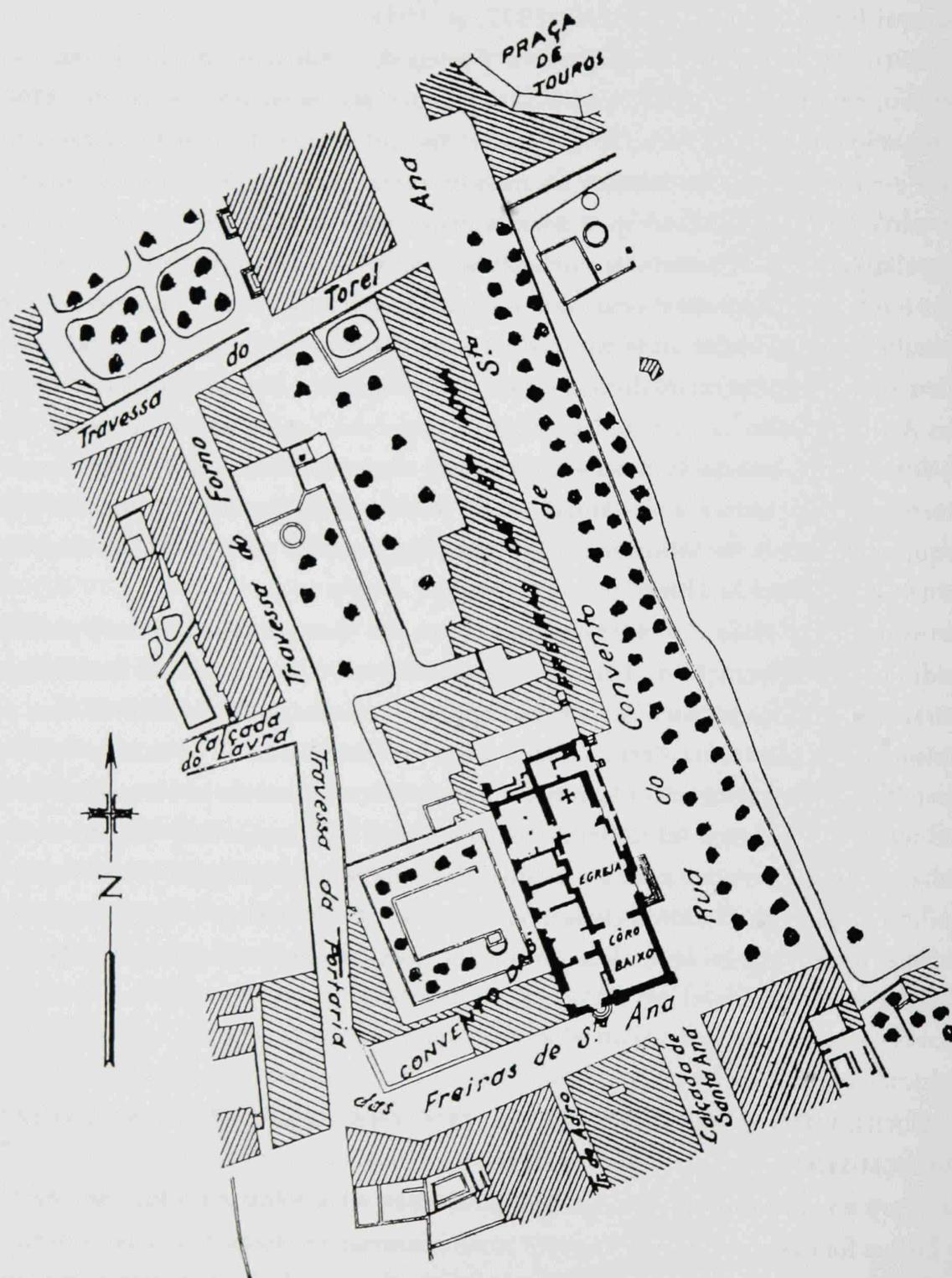
Extintas as ordens religiosas em Portugal, o edifício continuou no seu declínio, que se foi acentuando profundamente no transcurso do século XIX, acompanhando o envelhecimento e morte das freiras que ali puderam ficar. Em 1885 e em 1888, já desabitado, no momento em que se realiza um inventário por parte da Câmara Municipal, praticamente todo o conjunto de casas, pátios e capelas está em ruínas. Neste inventário descreve-se o conjunto como “umas casas e uns pardieros em ruinas, que são pertenças do Convento Sant’Anna, que constam de seis divisões onde outr’ora foi (sic) os locutorios ou casa das grades...”. À irmandade de Escravos do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora Santana e ao Asilo da Infância lhes foi concedido a parte dos “coros” (na esquina da rua do Torel com a rua do Convento Sant’Anna) e o restante do edifício arruinado e terreno correspondente ao Ministério da Marinha (cf. Documentos no ANTT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Convento de Sant’Ana de Lisboa, Cx 1974, Capilha 5, 1885).

Em 24 de Maio de 1897, no momento em que começa a demolição do prédio para a construção do Instituto Bacteriológico, a irmandade do Santíssimo Sacramento torna pública sua reclamação de indemnização, aludindo que o templo era deles fazia “cinco seculos”. Um dia depois é noticiado que a irmandade já teria constituído procurador para ser defendida nos seus direitos, mas na mesma matéria jornalística informa-se que a Junta Grande da irmandade tinha resolvido incorporar-se à sua igual, sediada na paróquia de Nossa Senhora da Pena (Jornal de Noticias, de Lisboa, dias 24 e 25 de Maio de 1897). Fecha-se assim o último ciclo de utilização dos espaços físicos do convento de Nossa Senhora Sant’Anna.

### 3. A ÁREA DO CONVENTO DE SANT’ANNA E AS CIRCUNSTÂNCIAS DO ACHADO

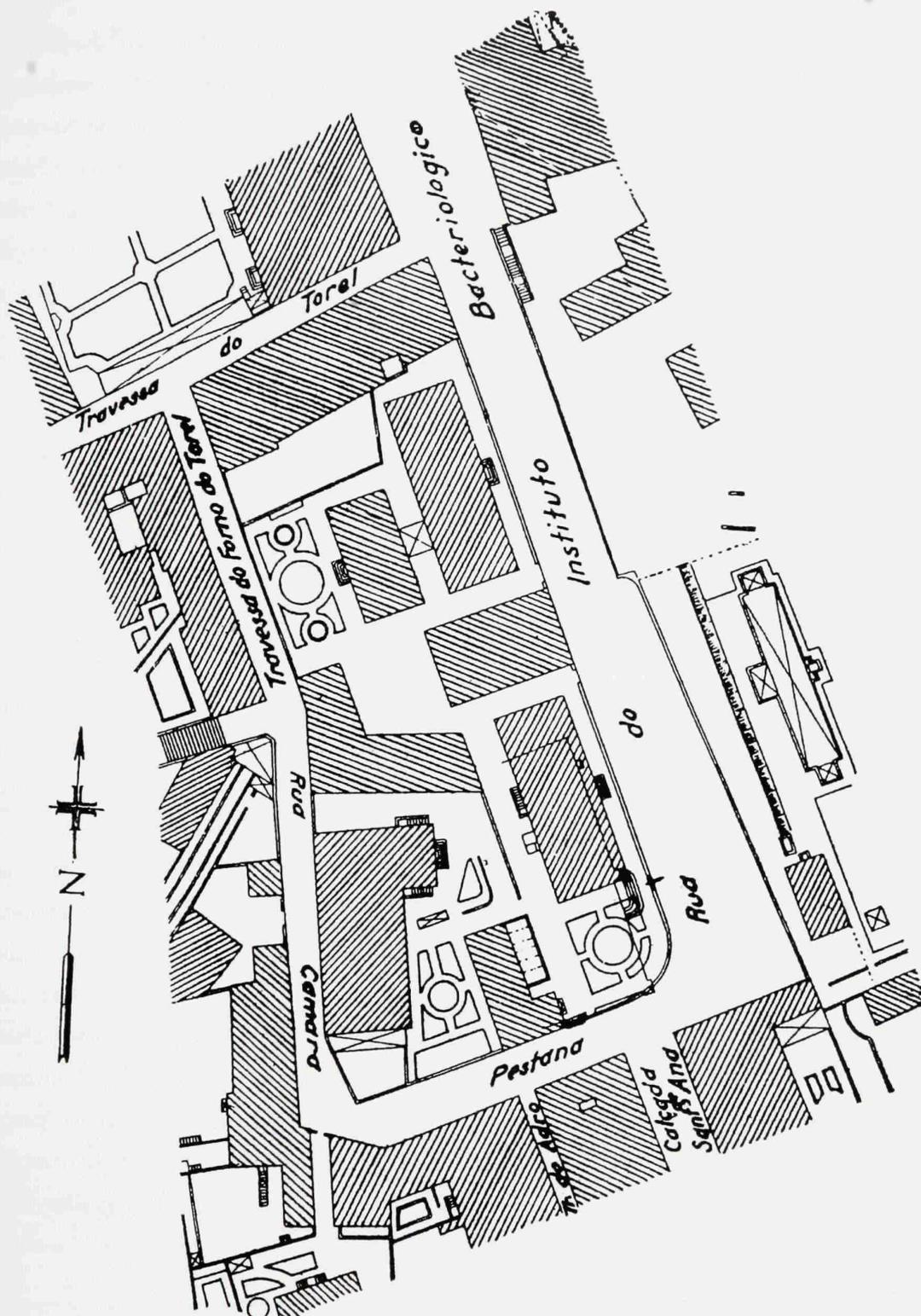
Para a realização do projecto do edifício que seria o Instituto Bacteriológico de Lisboa foi destinado o terreno onde se encontravam os restos do antigo convento de Sant’Anna, para o qual houve necessidade de demolição daquelas partes do prédio que, a essa altura, ainda ficavam e que obstaculizavam a instalação do Instituto. O projecto arquitectónico incluía a utilização de quase toda a área do

outrora convento, excluindo o sector da esquina da actual rua do Instituto Bacteriológico, ex rua do Convento de Sant'Anna, e a Travessa do Torel, que foi destinado ao Asilo de Infância da Câmara Municipal de Lisboa (v. Plantas do Convento e do Instituto Bacteriológico).



Escala 1:200

Fig. 1 – Planta do Convento Sant'Anna apresentada por A. Vieira da Silva (1960, 172)



Escala 1:200

Fig. 2 – Planta do Instituto Bacteriológico apresentada por A. Vieira da Silva (1960, 172)

As informações sobre as condições da colecta dos objectos são poucas e correspondem a duas listagens de dois lotes de peças remetidas, o primeiro, pelo Dr. Romano Folque, da Direcção Especial de Edifícios Públicos e Pharoas, em

1 de Junho de 1897 e, o segundo, pelo Chefe da Terceira Secção do Serviço de Edifícios Públicos, em 21 de Abril de 1898, com formulários timbrados destas repartições oficializando a entrega dos objectos. Soma-se a estes documentos uma breve nota manuscrita de José Leite de Vasconcelos<sup>4</sup>. Nesta nota, o então director do Museu Etnológico alude à localização dos achados, sem termos certeza se ele mesmo esteve no local para obter estas informações ou se lhes foram transmitidas por quem teve a cargo a colecta. Leite de Vasconcelos escreve:

*Excavação da cerca de St. Anna*

*1 a 5: dentro de uma fornalha de cozinha (de barro) interno e ainda com carvão de lenha. Ao lado da cisterna.*

*A 2, 1/2 metros do chão da cerca*

*19 21 22. No mesmo sitio (tachos)*

*A 1, 1/2 m plus minus apareceu todo o mais. Na cerca*

Apesar da economia de dados, fica certificado que os objectos provêm da área interna do convento, especificamente daquela chamada “cerca”, podendo esta ser interpretada como o sector do lado interno do muro que delimita o terreno sem construções, ou, directamente, como se fosse um lugar de cultivo de árvores. Para ambas as interpretações temos documentos de apoio. De facto, a cerca a que se faz menção no documento de 09/11/1885, quando no momento da avaliação do edifício para indemnização, como situada ao “norte” do convento, isto é, sobre a travessa do Torel, pode indicar genericamente o muro que separa a rua do espaço conventual (ver planta de Convento<sup>5</sup>). Em outro documento, de 05/07/1888, em que é transferido o restante da área para o Ministério da Marinha, a cerca é referida como um pomar “com diferentes arvores de fructo – dois poços empredrados e diferentes saguões –” (ANTT.Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, convento de Sant’Anna de Lisboa, Lisboa, Cx 1974, capilha 5)<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Leite de Vasconcelos faz uma breve alusão a esta doação, quando historia o desenvolvimento do actual Museu Nacional de Arqueologia como instituição (José Leite de Vasconcelos, 1915, p. 247)

<sup>5</sup> Na Planta do Convento, preparada por Luis Caetano Pedro de Avila, em 1881, conforme reza na legenda da planta apresentada por A. Vieira da Silva, todo o sector ocidental e parte do sector norte da área conventual, eram espaços abertos com árvores (A. Vieira da Silva, 1960, p. 172). Outra planta, muito semelhante, pode ser vista no Atlas da Carta Topografica de Lisboa preparada pela equipa coordenada por Filipe Folque, entre 1856 e 1858 (Planta no, 28), editado pela Departamento de Património e Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, s.d. Nela pode ser observada a mesma disposição dos espaços construídos e abertos.

<sup>6</sup> A informação dos documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo foi recolhida pela Dr.<sup>a</sup> Patrícia Monteiro e gentilmente cedida para este trabalho.

Em um e outro caso fica evidente que se trata de áreas abertas, que nos conventos e mosteiros funcionavam, normalmente, como pomares, quintais ou jardins. Eventualmente estas áreas eram usadas para actividades que exigiam espaços descobertos como a preparação de certas comidas para celebrações, o que justificaria a “fornalha de cozinha”, mencionada por Leite Vasconcelos.

Quanto às medidas, 2,  $\frac{1}{2}$  m e 1,  $\frac{1}{2}$  m, que aparecem na nota manuscrita, pode tratar-se da distância em relação a um muro que funcionava como cerca ou, então, corresponder à profundidade em que se encontravam os objectos no espaço da “cerca”, visto que era habitual usar os quintais ou pomares como locais de descarte de utensílios domésticos ou de restos de alimentação. Para isto, abriam-se poços que uma vez preenchidos, eram cobertos com terra do mesmo local. O facto dos objectos em estudo se encontrarem parcialmente cobertos com concreções de coloração acinzentada, permite pensar que eles estiveram enterrados durante muito tempo, talvez em algum depósito de descarte. Assim, as medidas anotadas por Leite Vasconcelos, poderiam ser vinculadas, com maior propriedade, à profundidade que alcançavam os achados.

Por último, a nota faz referência a três conjuntos de objectos, dois dos quais incluídos na numeração “1 a 5” e “19-21-22”, considerando a lista de peças enviada por Romano Folque. No primeiro caso são “Botijas de barro com duas asas” e no segundo “Tachos de barro”. O terceiro conjunto de peças, que se encontram a 1  $\frac{1}{2}$  m de profundidade corresponde ao terceiro grupo, considerado de forma genérica como “tudo o mais”. Por exclusão devemos considerar que neste grupo, assaz variado, se encontravam as cerâmicas estudadas.

A listagem, na íntegra, compreende:

*“Relação dos objectos encontrados nas demolições e excavações do Convento de Sant’Anna”  
(24 Abril 1897).*

N.º de ordem	Designação	Quantidades
1 a 5	Botijas de barro com duas asas	5
6 a 7	“ “ vidradas	2
8	“ “ sem asas	1
9	Garrafas de barro	1
10	Floreira de barro	1
11 a 15	Potes de barro com duas asas	5
16 a 17	“ “ vidradas	2
18	Garrrafa de vidro verde	1

(Continuação)

N.º de ordem	Designação	Quantidades
19 a 35	Tachos de barro	14
36 a 71	Pucaros de barro	36
72 a 82	Boiões de louça	11
83 a 93	Tijelas de barro	11
94 a 130	Covilhetes de louça	37
131 a 152	Tampas diversas (n.º 144 partida)	22
153 a 170	Testos de barro	18
171 a 172	Tijellas de louça partidas	2
173	Pia de agua-benta de louça quebrada	1
174	Cadinho	1
175	Caneca de louça	1
176	Manteigueira de louça	1
177	Panella de barro	1
178 a 185	Tigelinhas de barro	8
186 a 191	Bilhinhas de barro partidas	6
192	Floreira de louça partida	1
193	Campainha de barro partida	1
194	Perfumador de barro	1
195	Almofariz de pedra partido	1
196	Pequeno ferro de engomar	1
197	Faca enferrujada	1
198	Torquez enferrujada	1
199	Tesoira quebrada	1
200	Dedal	1
201	Anel d'aço tendo gravado um A	1
202	Garfo	1
203 a 206	Colheres sendo 2 sem cabo	4
207	Candeia incomplete	1
208 a 209	Pratos de louça mas um partido	2
212	Pedra oval com a seguinte inscrição – ESTE DORMITORIO SEREEDIFICOU SENDO ABB.A A MTO R.DA M.E SORORANNA M.A DO MONTE OLIVETE NA ERA DE 1739	1
213	Pedra quadrada com a seguinte inscrição: S.A DA VEM MADRE JOANNA LUIZA DO CARMELO. FALECEO EM 8 DE JULHO DE 1757	1
214	Pedra rectangular com a seguinte inscrição AME SOROR DOS SANTOS FES ESTES SETE PASOS ....EDHVATERNNO....	1
215	Um nicho de pedra de 0,5 x 0,22	1
216	Pia de agua benta com 0,3 de diametro	1
217	Tanque de 0,98 x 0,72 com uma... (sem identificação)	1
218	Laje de 0,45 x 0,34 tendo gravada uma forma de nicho	1

Lx. 24 de Abril de 1897

O chefe de Secção

(Sem possibilidade de identificação de assinatura)

Relação dos objectos encontrados nas demolições e excavações no Convento de Sant'Anna, remetidas ao Ex.mo Sr José Leite de Vasconcellos

Designação	Quantidades
Bilhas	5
Pucaros	13
Tachos	7
Frigideiras	3
Testos	10
Tijellas pequenas	7
Pratos	4
Vasos	4
Chavenas	4
Pote pequeno	1
Pequeno ornato d'uma jarra	1
Garfos	2
Moedas de cobre	14
Moedas de prata	1
Argolas de ferro	3
Escudetes de ferro	8
	84

Lisboa, 21 de Abril de 1898

O chefe de secção

José B X Cassim (sem possibilidade de identificação do último apelido)

Papel timbrado da Direcção Especial de Edifícios Publicos e fornecimento de materiaes

6.ª Secção de Construção

Livro n.º 81 Guia n.º 110

DIRECÇÃO ESPECIAL DE EDIFÍCIOS PÚBLICOS E PHAROES  
6.ª SECÇÃO DE CONSTRUCCÃO

A obra do Instituto Bacteriológico de Lisboa  
remette para o Museu Etnographico Portuguez  
o seguinte:

DESIGNAÇÃO	QUANTIDADE
Relação dos objectos encontrados nas demolições e excavações do Convento de Sant'Anna de 1 a 218	1
Cartão	1

Lisboa, 1 de Junho de 1898

Fido ENCARGADO Capentier  
Manuel das Neves

Fig. 3 – Comprovativo de doação das peças ao então Museu Etnológico Português.

#### 4. CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS PEÇAS CERÂMICAS BARROCAS DO CONVENTO DE SANT'ANNA

Os objectos em estudo correspondem, funcionalmente, a nove taças, três púcaros, três potes e duas peças de difícil definição funcional que em princípio foram classificadas como uma lamparina votiva e um pequeno perfumeiro ou “unguentário”. Como já fora referido, encontram-se inteiras ou, no caso de poucos exemplares, com perda de pequenas porções de bordos. O tratamento de superfície, engobe, também está muito bem conservado e os motivos decorativos são legíveis na totalidade<sup>7</sup>.

As peças são de pequenas dimensões, paredes finas, pastas depuradas, engobes de cores uniformes em tonalidades avermelhadas e elementos decorativos plásticos, compostos fundamentalmente por modificações das próprias paredes, de forma a quebrar com a rigidez formal do objecto. O resultado é uma cerâmica de aspecto grácil e sumptuoso, destinada, em princípio, ao serviço de líquidos (água especialmente) ou alimentos semilíquidos ou cremosos. Como em todas as peças deste tipo, enquadradas na tradição barroca, já abordada por outros autores, reconhece-se a intenção de plasmar no barro fino alguns dos princípios estéticos e técnicos utilizados em outras artes. O trabalho em metais (fundamentalmente o ouro, a prata e o estanho) assim como a vidraria, em função de trabalharem com tipos funcionais parecidos, teriam proporcionado à cerâmica modelos decorativos de grande aceitação entre as classes mais privilegiadas<sup>8</sup>.

De facto, nos dois reinos peninsulares em que a moda de beber em recipientes de argilas finas parece ter tido uma grande persistência, a introdução das formas e decoração barrocas nos pequenos vasilhames se realiza com grande sucesso. A provar o papel protagónico deste tipo de recipientes estão as pinturas do seiscentos espanhol e português, que pelo menos desde 1622, até a década de 70, os reproduzem em meio a um conjunto selecto de objectos (por exemplo nas naturezas mortas de Baltazar Gomes Figueira, Josefa de Óbidos e nos bodegões de Juan van der Hamen y León, Francisco de Zurbarán e muitos outros), os incluem em cenas religiosas (como no emblemático Repouso na fuga para o Egipto, também de Josefa de Óbidos) ou retratando representantes da alta nobreza (no famoso *As meninas*, de Diego Velazquez).

Ressalte-se que esta moda de pintar objectos cerâmicos barrocos, do tipo aqui tratado, tem sido registada essencialmente em Espanha e Portugal. De facto, ao que tudo indica, na pintura flamenga do período, tão proclive a pintar naturezas mortas

<sup>7</sup> O bom estado do engobe que cobre as peças dificultou, em muitos casos, a visualização da coloração da pasta.

<sup>8</sup> Esta relação entre a cerâmica barroca e a ourivesaria e a vitraria já foi apontada, em Portugal, por Irisalva Moita, (1964), Manuela Ferreira (1995), M. Ramalho e D. Folgado (2000 e 2002), entre outros.

e a retratar interiores e cenas domésticas de forma quase fotográfica, não costuma apresentar, até onde foi possível pesquisar, peças de cerâmica vermelha fina barroca<sup>9</sup>. O mesmo se pode dizer da pintura francesa e da italiana em que tão pouco temos notícias deste interesse, justificado talvez, pelo facto de não ser um produto disponível.

A presença de recipientes com decoração barroca no convento de Sant'Anna demonstra a possível vinculação da instituição, ou, pelo menos, de algumas das freiras, com famílias ou pessoas endinheiradas. Ainda que reconhecendo que o convento não pertencia à esfera das elites lisboetas, as doações esporádicas, as heranças testamentadas, os dotes com que entravam as freiras ou outras formas de aquisição devem ter permitido o ingresso de um número razoável de objectos valiosos de diversos tipos, entre eles os cerâmicos, aqui tratados.

Em relação ao estado de conservação em que se encontraram pode ser levantada a hipótese que se justifica pelo motivo do descarte. Ou seja, a rejeição e em alguns casos a negação, a todas as formas da arte barroca desatada na segunda metade do século XVIII, devem ter alcançado, também, os objectos de cerâmica, sob a forma de desvalorização estética, estigmatização e abandono de seu uso, razões suficientes para sua exclusão do conjunto do mobiliário conventual.

## 5. APRESENTAÇÃO DAS PEÇAS

As peças foram incorporadas no espólio do Museu Etnográfico, hoje Museu Nacional de Arqueologia, colocando-se-lhes um número de catálogo que aparece marcado em tinta castanho amarelada, aqui denominado Inventário Antigo. Um novo número de catálogo foi colocado posteriormente, em tinta preta, em data imprecisa e por razões ignoradas, que é o que vigora actualmente, classificado como Inventário Etnográfico. Nas imagens das peças um ou outro podem aparecer, sem que tenha sido motivo de descuido. Aceitou-se como princípio que as duas numerações formam parte do histórico de cada peça na instituição e, por isto, passíveis de serem documentadas visualmente.

A pátina ou impregnações acinzentadas que a maior parte das peças apresentam é resultado da aderência de sedimentos calcários do solo onde se encontravam enterradas. Apenas duas das peças destacam-se das outras devido a que foram apresentadas em exposições no exterior e, por esta razão limpas dessa pátina, no Serviço de Restauro do Museu Nacional de Arqueologia.

<sup>9</sup> Os únicos exemplos encontrados foram: o quadro de Pieter Clasz "Natureza morta com instrumentos de musica", de 1623, no Museu do Louvre (H. Bauer, 1997) e o de Franz Francken "Aposento com arte", de c. 1636, no Kunsthistorischen Museum, de Viena.

## 6. CATÁLOGO

N.º Inventário: Etno 958 (n.º inv. antigo 453)

Designação: Púcaro

Descrição: bordo com canelura, extrovertido. Corpo oval, achatado, com nervura na parte superior. Base com pé, terminado em bolacha. Asa vertical, com arranque na parte superior do bordo até ao centro do bojo.

Decoração: depressões alongadas e horizontais no centro do bojo produzidas por instrumento rombo.

Pasta: com partículas de quartzo e mica. Sem possibilidades de identificação da coloração.

Tratamento de superfície: engobe avermelhado (Munsell 10 R 5/8).

Estado de conservação: bordo fragmentado, engobe em parte alterado, com impregnações acinzentadas (possivelmente calcárias) e uma mancha de concreção branca.

Dimensões: alt: 5,6 cm; diâmetro da base: 3 cm; diâmetro do bojo: 7,8 cm; diâmetro do pescoço: 5,8 cm; diâmetro da boca: 6,6 cm; espessura da parede: 3 cm. Asa: largura: 7 cm; altura: 4,5 cm.



N.º Inventário: Etno 885 (n.º inv. antigo: 476)

Designação: Taça com asas

Descrição: bordo boleado, ligeiramente extrovertido, com quatro sectores de ondulações que formam pequenos lóbulos distribuídos em quatro grupos. Colo com sulco delimitado por uma nervura e um ressalto acentuado. Corpo cilíndrico com sulco separado da base. Base em forma de bolacha,

com ônfalo central. Asas verticais, com arranque na parte superior do bojo até à base.

Decoração: friso central com série com gomos em alto-relevo.

Pasta: com pequenas partículas de quartzo e mica. Sem possibilidade de identificação da coloração.

Tratamento de superfície: engobe vermelho (Munsell 7.5 R 5/8)

Estado de conservação: peça inteira, com impregnações acinzentadas (possivelmente de origem calcária) em ambas as superfícies.

Dimensões: altura: 5 cm; diâmetro do bojo: 8,2 cm; diâmetro da boca: 8,9 cm; espessura da parede: 1 cm. Asa: altura: 3,3 cm.



N.º Inventário: Etno 985 (n.º inv. antigo: 471)

Designação: Taça com asas

Descrição: bordo vertical com fina canelura; corpo de paredes verticais, com nervura e um ressalto acentuado nas partes superior e inferior do corpo. Base em bolacha. Asas verticais com arranque no início do corpo até a base.

Decoração: friso central com motivo de sequência de gomos.

Pasta: laranja acastanhada (Munsell 5 YR 6/6), com partículas de mica.

Tratamento de superfície: engobe avermelhado (Munsell 7.5 R 5/6)

Estado de conservação: peça inteira, com alguns sectores com impregnações acinzentadas (possivelmente calcárias).

Dimensões: altura: 4,8 cm; diâmetro da base: 4,8 cm; diâmetro do bojo: 7,9 cm; diâmetro da boca: 7,8 cm. Asas: paredes: 0,2 cm; largura: 0,9 cm; altura: 3 cm.



N.º Inventário: Etno 932 (n.º inv. antigo: 482)

Designação: Taça com asas

Descrição: bordo vertical, com ondulações, corpo troncocónico, com sulco na parte inferior. Base em bolacha, com ligeiro ônfalo. Asas: verticais e com arranque na parte superior do corpo até a base.

Decoração: friso central com série de incisões profundas e oblíquas, e ressaltos na parte superior e inferior do corpo.

Pasta: alaranjada (Munsell 2.5 YR 6/8), com partículas de mica e elementos não plásticos escuros.

Tratamento de superfície: engobe vermelho (Munsell 2.5 YR 5/8).

Estado de conservação: engobe alterado e ausência de uma asa. Impregnações de substância acinzentada, possivelmente de origem calcária.

Dimensões: altura: 6,1 cm; diâmetro da base: 4,8 cm; diâmetro do bojo: 7,3 cm; diâmetro da boca: 7,5 cm. Asa: espessura: 0,9 cm; altura: 2,3 cm; espessura da parede: 0,3 cm.



N.º inventário: Etno 955 (n.º inv. antigo: 477)

Designação: Taça com asas

Descrição: bordo boleado extrovertido. Colo com nervuras. Corpo acilindrado, com nervuras e friso decorado. Base de fundo convexo. Asas verticais, com nervuras e arranque da parte superior do bojo até próximo da base.

Decoração: friso central com duas linhas paralelas de pinçados.

Pasta: coloração sem possibilidade de identificação, pelo engobe e com partículas de mica.

Tratamento de superfície: engobe vermelho (Munsell 5 YR 7/6).

Estado de conservação: peça inteira, com impregnações acinzentadas (possivelmente de origem calcária).

Dimensões: altura: 6,3 cm; diâmetro da base: 10,4 cm; diâmetro do corpo: 11 cm. Asas: largura: 1,1 cm; altura: 3,1 cm; espessura da parede: sem possibilidade de medir.



N.º de inventário: Etno 913 (n.º inv. antigo 442)

Designação: Taça com asas

Descrição: bordo boleado extrovertido. Corpo ligeiramente acilindrado, com friso central, sulco inferior com carena. Base plana.

Decoração: friso central com gomos em alto-relevo, posicionados paralela e obliquamente.

Pasta: alaranjada (Munsell 2.5 YR 6.6), com partículas de mica e quartzo. Tratamento de superfície: engobe muito diluído (Munsell 7.5 R 5/6).

Estado de conservação: completa com impregnações acinzentadas (possivelmente de origem calcária).

Dimensões: altura: 5,5 cm; diâmetro: 5,5 cm; diâmetro da base: 6 cm; diâmetro do bojo: 8,8 cm; diâmetro da boca: 8,8 cm. Asa: largura: 0,9 cm; altura: 3,3 cm; espessura da parede: 0,3 cm.



N.º de inventário: Etno 922 (n.º inv. antigo: 436)

Designação: Taça com asas

Descrição: bordo boleado e ondulado; corpo acilindrado, com caneluras que seguem as ondulações do bordo. Parte inferior com sulco pronunciado e uma carena. Base em bolacha com ônfalo pouco pronunciado. Asas verticais com nervuras.



Decoração: ondulações oblíquas e regulares, do bordo à base.

Pasta: alaranjada (Munsell 7.5 R 7/8), com partículas de mica e outros elementos escuros.

Tratamento de superfície: engobe vermelho (Munsell 7.5 R 4/6).

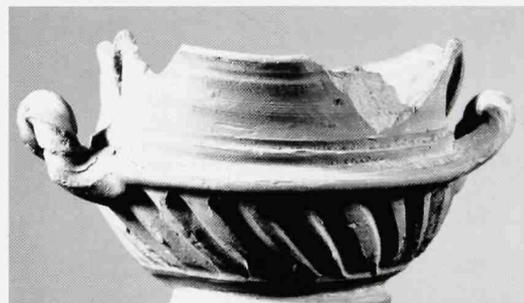
Estado de conservação: peça inteira, com desprendimento de engobe em algumas partes.

Dimensões: altura: 7,8 cm; diâmetro da base: 7,6 cm; diâmetro do bojo: 11,1 cm; diâmetro da boca: 11,2 cm; altura: 4 cm; espessura da parede: 3 cm.

N.º de inventário: Etno 928 (n.º inv. antigo: 446)

Designação: Taça com asas

Descrição: bordo boleado, acentuadamente extrovertido com caneluras em ambas as superfícies. Corpo dividido. Na parte superior apresenta alterações em dois sectores com rebaixamento por dobradura do bordo; com nervuras e um ressalto acentuado. Na parte inferior, de forma troncocónica, apresenta com friso trabalhado. Asas: horizontais e torcidas com as extremidades aderidas a um ressalto.



Decoração: friso central, apresentando na superfície gomos paralelos e oblíquos, em negativo.

Pasta: alaranjada escura (Munsell 10 R 6/6) e presença de partículas de mica e outros elementos não plásticos, em preto e castanho.

Tratamento de superfície: engobe vermelho alaranjado (Munsell 10 R 5/6).

Estado de conservação: bordo parcialmente fragmentado e desgaste do engobe.

Dimensões: altura: 6,2 cm; diâmetro da base: 5,4 cm; comprimento do bojo: 11,5 cm; largura: 10,2 cm; bordo-comprimento: 13,1 cm; bordo-largura: 7,1 cm.

Asas: largura: 0,9 cm; altura: 3 cm; espessura da parede: 0,3 cm.

N.º de inventário: Etno 965 (n.º inv. antigo: 437)

Designação: Taça

Descrição: bordo extrovertido com incisões transversais e caneluras; apresenta alterações em dois sectores opostos com rebaixamento e dobradura. Corpo em forma de calote, ligeiramente ovalado, com ressalto na parte superior. Base em bolacha com ônfalo.

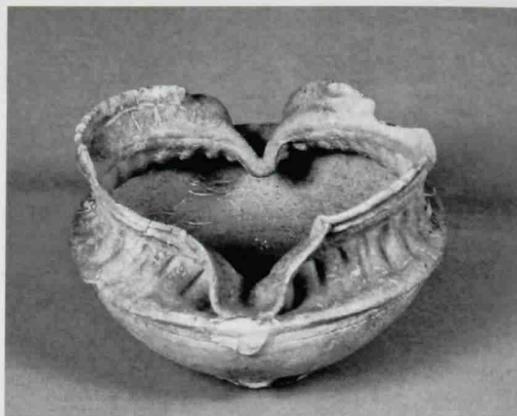
Decoração: friso com série de gomos oblíquos, em negativo, na parte superior do corpo.

Pasta: castanho claro (Munsell 10 R 6/6), com partículas de mica, quartzo e elementos não plásticos castanhos.

Tratamento de superfície: engobe castanho avermelhado (Munsell 10 R 5/6)

Estado de conservação: bordo parcialmente fragmentado; ausência das duas asas; engobe bastante alterado.

Dimensões: altura: 8,2 cm; bojo comprimento: 11,5 cm; largura: 10 cm; comprimento do bordo: 10,8 cm; largura do bordo: 5,8 cm; espessura da parede: 0,3 cm; base circular: diâmetro: 4,5 cm; fragmento de uma asa: largura: 1 cm.



N.º de inventário: Etno 919 (n.º inv. antigo 460)

Designação: Taça com asas

Descrição: bordo introvertido com caneluras paralelas, com quatro rebaixamentos e dobradura. Corpo troncocónico com dois sulcos delimitando os frisos. Base plana com ônfalo central. Asas horizontais e torcidas com extremidades aderidas ao sulco superior.

Decoração: friso com negativos de gomos, em série oblíqua.

Pasta: alaranjada clara (Munsell 10 R 6/6)

Tratamento superfície: engobe laranja acastanhado (Munsell 10 R 5/6).

Estado de conservação: bordo parcialmente fragmentado; engobe alterado e impregnações acinzentadas de provável origem calcária).

Dimensões: altura: 7,2 cm; diâmetro da base: 7,8 cm; diâmetro do bojo: 11,1 cm; bordo: 9,5 cm; espessura das paredes: 0,1 cm; largura: 3,6 cm.



N.º de inventário: 923 (Antigo sem numeração)

Designação: Pote com asas

Descrição: bordo vertical boleado com uma nervura. Colo acilindrado, com duas caneluras. Bojo globular com friso na parte superior e caneluras na central. Base em bolacha com ônfalo. Asas horizontais, torcidas, com extremidades aderidas na parte superior do bojo.



Decoração: série de traços incisos verticais no colo e friso com duas linhas paralelas de pastilhas ovóides, em alto-relevo.

Pasta: laranja acastanhado claro (Munsell 5 YR 6/6), com partículas de mica e de elementos não plásticos escuros.

Tratamento de superfície: engobe vermelho acastanhado (Munsell 10 R 5/6), ficando sem engobe a base e parte inferior do bojo e base.

Estado de conservação: peça inteira, com impregnações acinzentadas. No fundo da superfície interna há dois pontos de metal (cobre?), aderidos, resultado do contacto prolongado com um objecto do tipo agulha ou alfinete.

Dimensões: altura: 7,8 cm; diâmetro da base: 3,6 cm; diâmetro do bojo: 9,5 cm; pescoço: 6,9 cm; boca: 7,2 cm. Paredes: espessura: 0,3 cm. Asas: altura: 2,1 cm; largura: 4,5 cm.

N.º de inventário: Etno 959 (n.º inv. antigo 441)

Designação: Pote com asas

Descrição: bordo boleado, vertical, com sulco. Colo acilindrado com friso decorado. Bojo globular com caneluras delimitando friso decorativo. Base com pé e ônfalo central. Asas verticais, torcidas, com arranque na parte superior da base e parte central do bojo.



Decoração: frisos com negativos de incisões profundas, alongados e oblíquos no colo. No corpo, friso com duas linhas de pastilhas ovóides paralelas, em alto-relevo.

Pasta: alaranjada (Munsell 10 R 6/6), com partículas de mica e com elementos não plásticos escuros.

Tratamento de superfície: engobe vermelho acastanhado (Munsell 10 R 5/6)  
Estado de conservação: bordo e colo parcialmente fragmentado, ausência de uma asa; impregnações acinzentadas de provável índole calcária.

Dimensões: altura: 9,9 cm; diâmetro da base: 4 cm; diâmetro do bojo: 9,6 cm; diâmetro do pescoço: 6,4 cm; diâmetro da boca: 6,7 cm . Espessura das paredes: 0,2 cm. Asas: altura: 4,6 cm; espessura: 0,8 cm.

N.º de inventário: 960 (n.º inv. antigo 447)

Designação: Pote com asas

Descrição: bordo boleado, vertical com canelura. Colo cilíndrico, liso. Bojo com caneluras delimitando friso decorado na parte superior. Base em bolacha com ônfalo. Asas horizontais e torcidas, colocadas na parte central do bojo.

Decoração: friso com três alinhamentos de pastilhas ovóides, em alto-relevo.

Pasta: castanho claro (Munsell 5 YR 5/8), partículas de mica e quartzo e de elementos não plásticos escuros.

Tratamento de superfície: engobe vermelho acastanhado (Munsell 7.5 R 6/6).

Estado de conservação: ausência de uma asa e impregnações acinzentadas, de provável índole calcária.

Dimensões: altura: 11 cm; diâmetro da base: 4,7 cm; diâmetro do bojo: 11,1 cm; diâmetro do pescoço: 8 cm; diâmetro da boca: 8,2 cm. Asa: altura: 4 cm; largura: 4,8 cm; espessura: 1,2 cm; espessura da parede: 0,5 cm.



N.º de inventário: Etno 903 (n.º inv. antigo 450)

Designação: Perfumador (?)

Descrição: ausência de bordo. Bojo esférico com friso decorado na parte superior delimitado por caneluras. Base plana, com pé.

Decoração: friso com incisões largas e oblíquas

Pasta: alaranjada (Munsell 7.5 6/6), com presença de partículas de quartzo e mica.



Tratamento de superfície: engobe laranja acastanhado (Munsell 7.5 R 5/6), muito diluído.

Estado de conservação: ausência de bordo e provavelmente do gargalo.

Dimensões: altura: 7,1 cm; diâmetro base: 2,6 cm; diâmetro do bojo: 5,2 cm; pescoço: 1,1 cm; paredes: 0,2 cm.

N.º de inventário: Etno 543 (Antigo sem numeração)

Designação: Lamparina (?)

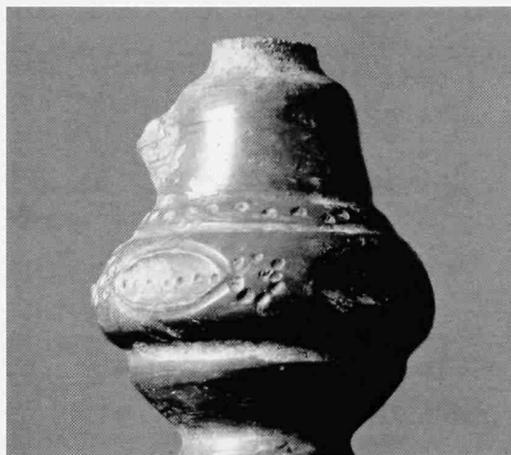
Descrição: bordo vertical. Bojo composto por dois corpos: superior cónico invertido, inferior globular. Base plana. Asa: indício de asa vertical.

Decoração: alinhamentos de pontos incisos na divisão de dois corpos e na parte entral do bojo; agrupamentos de alinhamentos ponteados. Orifício no bojo, com provável intenção funcional.

Pasta: sem possibilidade de observação por causa do tratamento da superfície  
Tratamento de superfície: engobe vermelho escuro (Munsell 7.5 R 4/8), com brunido.

Estado de conservação: corpo inteiro com ausência de asa

Dimensões: altura: 5,5 cm; diâmetro da base: 2,2 cm; pescoço: 2,2 cm; bojo: 4,2 cm; diâmetro da boca: 1,4 cm; espessura da parede: 0,3 cm.

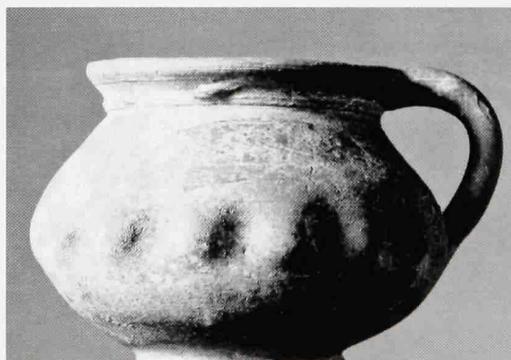


N.º de inventário: Etno (8015) (n.º inv. antigo 484)

Designação: Púcaro

Descrição: bordo boleado acentuadamente extrovertido; bojo: globular achatado, com sector central decorado. Base em bolacha, com ônfalo. Asa vertical com arranques na parte superior do bordo e no centro do bojo.  
Decoração: série de pinçados, alinhados na parte central do bojo.

Pasta: alaranjada clara (Munsell 5 YR 6/8), com partículas de quartzo e elementos não plásticos escuros.



Tratamento de superfície: engobe vermelho escuro (Munsell 7.5 R 5/6)

Estado de conservação: bordo parcialmente fragmentado, engobe gasto e com micro estrias. Presença de impregnações acinzentadas de provável origem calcária.

Dimensões: altura: 7 cm; diâmetro da base: 4,3 cm; diâmetro do bojo: 9,3 cm; diâmetro do pescoço: 7,1 cm; diâmetro da boca: 8,3 cm; espessura da boca: 0,4 cm. Asa: largura: 1,2 cm; altura: 5 cm; espessura da asa: 0,9 cm

N.º inventário: Etno 993 (n.º inv. antigo: 443)

Designação: Púcaro

Descrição: Bordo boleado e extrovertido.

Bojo oval achatado. Asa vertical com arranques na parte superior do bordo e no sector central do bojo. Base em bolacha.

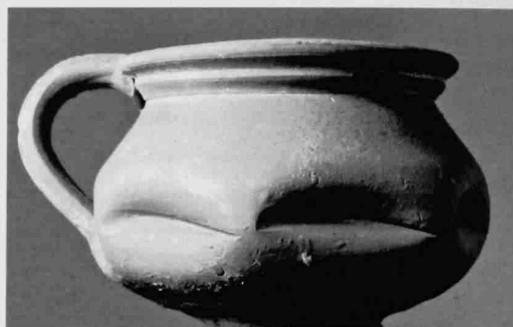
Decoração: depressões incisas, horizontais, alongadas, série alinhada de alinhados na parte central do bojo.

Pasta: alaranjada clara (Munsell 2.5 YR 6/6), com partículas de quartzo e mica e elementos não plásticos acastanhados.

Tratamento de superfície: engobe avermelhado (Munsell 2.5 YR 6/8).

Estado de conservação: bordo parcialmente fragmentado; engobe com micro estrias e impregnações acinzentadas de provável origem calcária.

Dimensões: altura: 7 cm; diâmetro da base: 4,3 cm; diâmetro do bojo: 9,3 cm; diâmetro do pescoço: 7,1 cm; diâmetro da boca: 0,4 cm. Asa: largura: 1,2 cm; altura: 5 cm; espessura da asa: 0,9 cm



#### AGRADECIMENTOS:

Os autores agradecem a inestimável e desinteressada colaboração de Patrícia Monteiro, Ana Margarida Pires, Leopoldo Vaz, Matthias Tissot, Isabel Revés, Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Gregor Burkhardt e Paulo Dordio, consultados em seus diferentes campos de interesse, para a elaboração deste artigo.

Lisboa, Agosto de 2005

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, F. de (1912) – *História da Igreja em Portugal*. Coimbra: Imprensa Académica. T. III, pt. 1.
- BAART, I. (1992) – Terra Sigillata from Estremoz, Portugal. In GAINSTER, D.; REDKNAP, M., ed. – *Everyday and Exotic Pottery from Europe c. 650-1900. Studies in Honour of John G. Hurst*. Oxford: Oxbowbooks. p. 273-278.
- BAUER, H. (1997) – O Barroco nos Países Baixos. In *A Pintura do Barroco*. Lisboa: Taschen.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (2002) – Conjunto de Peças de Cerâmica do século XVII do Convento de N. Sr.<sup>a</sup> da Piedade de Cascais. In *Actas 3.º Encontro Arqueologia Urbana*. Almada: Câmara Municipal.
- CONVENTO de Sant'Anna de Lisboa. *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças*. Cx 1974, capilha 5. Acessível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.
- DORDIO, P. (no prelo) – Louça fina não vidrada barroca dos séculos XVI, XVII e XVIII. Introdução ao tema. In *Actas do Encontro de Cerâmica de Matosinhos, 5 de Julho de 2004*.
- ETCHEVARNE, C. (2003) – A reciclagem de faiança em Salvador. Contextos arqueológicos e tipos de utilização. *Clio, Serie Arqueologia*. Recife. 16, p.103-118.
- FERNANDES, I; CARVALHO, A. (2003) – *A loiça seiscentista do convento de Alferrara (Palmela)*. In *Actas das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós – Medieval*. Tondela: Câmara Municipal. p. 231-252.
- FERREIRA, M. (1994) – Vidro e Cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo. *Mare Liberum*. Lisboa. 8, p.117-201.
- FERREIRA, M. (1998) – O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa. In *I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal. p.151-161.
- FOLGADO, D.; RAMALHO M. B .M. (2000) – A Cerâmica comum fina de finais do século XVI/XVII. Inovação ou Tradição. In *Casa do Brasil. Casa Pedro Álvares Cabral*. Santarém: Câmara Municipal. p. 39-61.
- FOQUET, F. [s.d.] – *Atlas topográfico da cidade de Lisboa entre 1856 e 1858*. Lisboa: Câmara Municipal.
- HISTÓRIA dos mosteiros de Lisboa* (1972). Lisboa: Imprensa Municipal de Lisboa.
- JORNAL de Notícias de Lisboa*. (24 e 25 de Maio de 1897). Acessível na Biblioteca Nacional, Lisboa.
- MACIAS, S. (1994) – Escavações arqueológicas no castelo de Moura. Primeiros resultados. In *Arqueologia entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Grupo de Investigación Arqueológica del Suroeste. p. 675-705.
- MOITA, I. (1964) – Hospital Real de Todos os Santos. *Revista Municipal*. Lisboa. XXV, 101-102, p. 76-100.
- PEREIRA, L. G. (1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Oficinas gráficas da Biblioteca Nacional.

- RAMALHO, M.; FOLGADO, D. (2002) – Cerâmica modelada ou o requinte à mesa do Convento de S. Francisco de Lisboa. In *Actas 3.º Encontro Arqueologia Urbana*. Almada: Câmara Municipal. p. 247-268.
- REAL, M. L.; DORDIO, P.; TEIXEIRA, R.; MELO, R. (1995) – Conjuntos cerâmicos da interpretação arqueológica da Casa do Infante, Porto. Elementos para uma sequência longa. In *Actas I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal. p. 171-186.
- REGO, M. ; MACIAS, S. (1993) – Cerâmicas do século XVII do Convento de Santa Clara (Moura). *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 147-159.
- SARDINHA, O. (1990-1992) – Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. 1. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8-10, p. 474-486.
- SERRÃO, V., coord. (1993) – *Josefa de Óbidos e o tempo Barroco*. Lisboa: LTP; IPPC.
- SILVA, A. V. da (1960) – *Dispersos*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal. Volume II.
- VASCONCELOS, J. L. de (1915) – *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.